

Árvores companheiras de homens

Trees companions of men

Maria do Céu Fialho

Universidade de Coimbra

Palavras-chave: Acácia, oliveira, imortalidade, salvação, renascimento.
Keywords: Acacia, olive, immortality, salvation, rebirth.

Nessa união perdida para o ocidente, entre homens, natureza e divino, esfuma-se, na memória de milénios, a capacidade humana de sentir, na casa ou no caminho da vida, a presença próxima dos deuses na paisagem, nos elementos vegetais, nas grutas, nos rios, nas montanhas. Todos eles podem possuir a densidade dessa presença, que os converte em sinal da mesma, em espaço de aliança oferecida (o Monte Sinai, o bosque de Colono, o Jardim das Oliveiras) ou em espaço que assinala uma outra face do divino: o da distância assinalada de naturezas, do temor e da reverência: o bosque das Erínias-Euménides é *astibes* (Soph., OC 126), todo o espaço é *athiktos* (*id. ibid.* 39)¹, são invioláveis os *temenoi* dos templos, os prados de Ártemis (cf. Eur. *Hipp.* 73-74; 76-77)².

Por seu turno, todos os fiéis têm acesso ao templo de Salomão, morada do seu Senhor, mas ao coração dessa morada, o Santo dos Santos, o cerne da Aliança, só o Sumo Sacerdote tem acesso. Aquele inspira a suprema veneração e o supremo temor.

A árvore apresenta uma particular constituição e configuração para condensar essa presença do divino e proximidade ao homem. As suas raízes mergulham no mundo dos mortos, aí toma a seiva que a alimenta e a faz crescer para o sol, enquanto vive. Nas de folha caduca, as suas folhas, com o outono, regressam à terra³. Nas de folha perene, a árvore tombará no solo como um todo, ou exhibir-se-á seca, como imagem da própria vida que finda e de um círculo que se

¹ Vide Fialho 1996b:30-32

² Vide Fialho 1996a: 38-39.

³ Lembremos o expressivo passo de *Ilíada* 6. 144-149, em que o recurso ao símile das folhas de árvore que tomam e, ciclicamente, se renovam, traduz o próprio ciclo da vida humana de um *genos*, no renovar periódico das folhas.

quebrou. Árvore-vida, árvore-sabedoria constituem uma aliança simbólica que a Bíblia contém e que a Cabala irá tomar e amplificar⁴. A árvore é também vida, quando alimenta com o seu fruto, quando proporciona a sua madeira ou goma para construção de utensílios e calafetagem destes.

A árvore, por ser vida e vida tutelada pelos deuses, pode também associar-se, com os seus ramos, à cerimónia de materialização da imortalidade pela memória: é o caso da oliveira e do loureiro, entre os Gregos⁵.

Centro a minha atenção em duas espécies que, entre outras, marcaram civilizações antigas da bacia oriental do Mediterrâneo: a acácia e a oliveira.

A acácia, nas suas cerca de 1500 espécies, é conhecida da Humanidade há cerca de 5000 anos, como a valiosa fonte de goma arábica, precioso produto que cola, dá consistência e durabilidade aos objectos. Além disso, o seu suco, em particular o da acácia espinosa do Nilo, não o da acácia que povoa a nossa paisagem, a acácia australiana, espécie invasiva, era conhecido pelas suas propriedades adstringentes, de desinfectante de úlceras e de bálsamo para mordedura de serpentes⁶.

Os Egípcios reconheceram-lhe eficácia para impedir a putrefacção, pelo que usavam esse suco no processo de mumificação dos seus mortos.

Por seu turno, a reconhecida resistência da sua madeira de árvore contumaz, nascida e habituada ao deserto, mostrou-se adequada para a escultura e para a construção de móveis e de sarcófagos que garantiam ao defunto uma navegação segura até um Além onde reencontraria o quotidiano da sua vida, então imortal, no convívio dos deuses.

Esta espécie de acácia defende-se de predadores e da perda de água pela adaptação das suas folhas, que tomam um carácter espinhoso. Ainda assim, folhas e flores abrem ao sol e fecham ao cair da noite, pelo que esta acácia era reconhecida como uma árvore solar.

A durabilidade, resistência, posse de propriedades farmacológicas, capacidade de transportar, como numa embarcação, o homem na sua travessia da morte à vida (assim representam os Egípcios, nas pinturas murais tumulares, a passagem do defunto ao Além), tornam compreensível como a acácia se tornou uma árvore sagrada para os povos do Próximo Oriente.

A tradição hebraica, por seu turno, atesta essa mesma relação entre o homem e esta árvore, como o elemento da Natureza em que a aliança com Jahvé se materializa. Aliás, é por, simbolicamente, o primeiro homem e a primeira mulher terem quebrado a sua relação com as árvores do jardim do Éden, consoante a havia determinado o Criador, de fruição ou de proibição, que são expulsos desse espaço primordial.

Em *Génesis* 6, 13 Jahvé manifesta o seu descontentamento com a iniquidade humana e o seu propósito de destruir essas gerações afastadas do Criador.

⁴ Cf. Fortune 2010: cps.6, 7, 8.

⁵ Lembremos, a propósito do prémio da coroa de oliveira, destinado aos vencedores dos Jogos Olímpicos, Heródoto 8. 26.

⁶ Villatoro 2009: cap. 2; <https://wol.jw.org/pt/wol/d/r5/lp-t/101976685#h=7>.

Mas a Sua aliança com o homem justo reafirma-se – este é Noé e a sua casa. Por isso o Senhor lhe ordena, para que, na catástrofe do dilúvio que se avizinha, Noé e os seus se possam salvar, assim como animais e plantas com que se possa fundar um recomeço – recomeço marcado pelo sinal da reconciliação, o arco-íris futuro. A Arca deverá, por instrução do Senhor, ser construída de madeiras resinosas, provavelmente o cedro e, por certo, a acácia espinosa, a resistente do deserto.

A *shittah* ou *shittin*, no plural, é também a árvore escolhida por Jahvé para a construção da Arca da Aliança. Aí serão guardadas as Tábuas da Lei, que regem a comunidade hebraica e são presença da Palavra, da Autoridade e do Cuidado do Senhor.

A Lei salva o povo, pois dá-lhe coesão, identidade e sintonia com o seu Deus. Tal como a arca de Noé, que parece poder equivaler a uma prefiguração da Arca da Aliança, possibilita a salvação e o recomeço. Recomeço de reconciliação e de paz. A paz é anunciada pelo ramo de oliveira, trazido pela pomba que regressa à arca de Noé, segurando-o no seu bico⁷.

A Aliança, sempre renovada no culto, repousará, enquanto morte mas também enquanto quase-êxtase, nos sacrifícios oferecidos e na fragância intensa dos perfumes queimados sobre altares que Jahvé prescreve que sejam construídos em madeira de acácia (Êxodo 27, 1; 30, 1). Morte e evolução para o Eterno, a Lei, que tem a marca da sempiternidade de Jahvé na finitude da vida de cada homem, mas também na sobrevivência e pervivência do povo eleito, assentam ou recolhem-se na aliança vegetal de uma árvore sagrada.

Essa aliança de paz, assinalada pelo ramo de oliveira, foi por Salomão transferida para as portas da entrada do seu templo (*Reis* 1. 6. 31 sqq), cujo interior foi coberto de outras madeiras, nobres e olorosas, como o cedro.

À *shittah*, acácia espinosa do Nilo, é dada correspondência, em tradução para o grego, de *akanthos* ou *akhantinos*. E com esta designação assinala Mateus, 27, 29 (*stephanon ex akanthon*). a coroa espinhosa da paixão de Cristo. A mesma expressão é usada por João, 19, 2-3 (cf. Marcos, 15, 17-18 *akanthinon stephanon*).

Ora, se a coroa de espinhos representa um passo do doloroso martírio que conduz até à morte do Filho de Deus, rodeado da incompreensão e escárnio dos seus carrascos e da turba, num plano mais elevado, para o crente, leitor da *Bíblia*, ela assinala o poder, a sabedoria e a glória do verdadeiro Rei dos Judeus e da Humanidade que Ele salva com o seu sacrifício, corroborando o que afirmara nos seus anos de pregação: “o meu reino não é deste mundo”.

Pelo seu nascimento, vida e morte, Cristo passa a encarnar, por vontade do Pai, a nova Arca da Aliança, o novo Templo de Salomão, que pode destruir e reedificar em três dias, consoante o havia afirmado enigmáticamente, referindo-se à Sua morte e ressurreição: a arca de acácia e o templo de portas de oliveira.

No Evangelho de Lucas, a pregação de Cristo, antes da paixão, tem lugar no templo, em Jerusalém, onde a multidão afluí para o escutar. À noite, Cristo retira-se, para o repouso e comunhão com o Pai, para o monte das Oliveiras (Lucas, 21, 37). Poderia entender-se: para um templo diverso, espaço de intimidade e de

⁷ Vide supra n. 6.

proximidade entre o Filho de Deus, na Sua humanidade, antes do sacrifício e Deus Pai, mistério e fonte de inspiração. Entre as oliveiras, no alto, se opera essa comunhão entre humanidade e divindade, com amor, angústia, paixão e confiança. Após a Última Ceia, Cristo recolhe-se, ‘como de costume’, diz o Evangelista (22, 39), ao monte das Oliveiras: homem-deus, entra no templo, no Santo dos Santos, para depor nas mãos do Pai o sofrimento da sua humanidade prestes a ser sacrificada pela redenção dos Homens, e buscar forças numa aliança que lhe é intrínseca, já que Ele é filho do Pai Criador.

A oliveira torna-se símbolo da própria imagem do cristão e de símbolo de paz, que a pomba de regresso à arca segurava no bico, converte-se, também, em ramo de esperança e purificação, ostentado no culto para bênção em Domingo de Ramos.

Cultivada desde há milhares de anos na bacia do Mediterrâneo, encontramos, inclusive, representações milenares desta árvore em grutas no Saara. A sua extrema longevidade converte-a em sinal de memória e em símbolo de perpetuação e de resistência. Existem, em Israel, oliveiras milenárias, anteriores à era de Cristo, que o acolheram, talvez, nesta comunhão íntima com o Pai. Entre nós existe um espécime com cerca de 2.800 anos, em Santa Iria da Azóia.

Adequada ao fabrico de artefactos (encontramos, a par de peças de mobiliário de acácia, outras de oliveira, nos túmulos egípcios), a oliveira é fonte de alimento, pelo seu fruto, a azeitona, e pelo azeite, cujas propriedades nutritivas a Humanidade conhece desde há muito, bem como farmacológicas.

O azeite é fonte de luz, corta as trevas da noite e ilumina o caminho ou a casa, cria intimidade e viabiliza a mobilidade, sem medos. O azeite torna os atletas mais invulneráveis, na luta, pois é mais difícil prender os seus corpos ungidos.

A oliveira reúne todos os predicados para ser considerada, entre os Gregos, como uma árvore sagrada, a *hierē elaiā* que Píndaro canta na Olímpica 3, 13. Outras árvores estão associadas ao divino, como se sabe, com o loureiro a Apolo, o carvalho a Zeus, a palmeira a Ártemis⁸. Mas no solo grego, de um modo geral não muito generoso, a oliveira é a árvore da vida, a que alimenta. Por isso Zeus Elaios a protege e a torna imune, por isso os Atenienses a associaram à deusa tutelar da cidade, Atena, convertendo-se em ícone simbólico da própria cidade e da Ática, visível a todos do alto da Acrópole. E visível sob duas formas diversas: transportada para a narrativa etiológica gravada no frontão oeste do Pártenon, em que Atena e Poséidon se centram na disputa de prevalência sobre a Ática, de um e de outro lado da oliveira, que Atena teria concedido à terra, e enquanto árvore na paisagem sagrada do Pártenon, arreigada ao solo e estendendo os seus ramos – a oliveira que alimenta os homens, a oliveira fonte de luz.

No estásimo III de *Medeia*, Eurípides constrói um dos mais belos cantos de elogio a Atenas, a cidade protectora e a que nutre a vida, com a sua paisagem de oliveiras sagradas. Trata-se de um canto composto no dealbar da Guerra do Peloponeso, após as hostilidades com Corinto. É bem provável que o poeta ainda acreditasse na dimensão salvífica da hospitalidade ateniense.

⁸ Burkert 1993.

Porque é fonte de luz, a oliveira adequa-se a ser, enquanto árvore protegida de Zeus, aquela que transporta aquilo que é capaz de romper as trevas do esquecimento e da morte e brilhar como uma luz imorredoura, a da memória: os atletas vencedores, nos jogos, são coroados com uma coroa de folhas de oliveira, sinal visível da luz da glória e da fama que alimenta um outro tipo de vida, mais duradoira, aquela que persiste na memória dos homens. Por esta coroa lutam os atletas, porque ela é sinal de perpetuação e de reconhecimento, ilumina-os, confere-lhes luz que brilha em toda a Hélade. Os Persas não compreendem, como nos mostra Heródoto, esta forma subtil de um ouro mais valioso que o das riquezas orientais.

Da catástrofe se ergue a oliveira grega do Pártenon, qual Fénix renascida das cinzas (OC 702), que se converte na materialização bem visível da capacidade que Atenas possui de se auto-regenerar a partir de si mesma, *autopoion*, da sua natureza posta à prova e purificada na catástrofe do fogo, mas nunca esquecida pelo olhar tutelar dos deuses: o estásimo I de *Édipo em Colono*, sendo também um dos mais belos hinos entoados em louvor da Ática e de Atenas, recorre, assim, à oliveira renascida das cinzas como uma imagem portadora de esperança no vigor amortecido da pólis, capaz de nova força que a reerga do chão.

A oliveira, tal como no contexto bíblico, pode ser, no imaginário grego, expressão e lugar da aliança e intimidade, postas à prova quando tudo parece soçobrar – recuamos ao contexto épico, em que o segredo do tálamo de Ulisses e Penélope, assente num tronco inamovível de oliveira, se converte em prova de reconhecimento e união (*Odisseia* 23, 177-204).

A associação da acácia a Hermes corre pelo filão obscuro de crenças esotéricas, de Hermes Trismegisto, marcadas pela influência egípcia e que assimilam o deus Tot a perspectivas neoplatónicas⁹. Serão os Romanos, essencialmente, que tomarão esta dimensão de culto, no tempo de importação de cultos orientais e o legarão à Europa, posteriormente. A acácia, como árvore icónica do deus psicopompo, olhada pela perspectiva da origem egípcia do culto, é a árvore de ligação dos mundos.

Mas regressando às três matrizes que nos ocuparam – Egipto, Povo hebreu e Grécia – entre a acácia e a oliveira, podemos constatar que a árvore no seu todo, de raízes mergulhadas na terra que o homem pisa e de onde recebe alimento, de tronco erguido e folhagem aberta ao sol representa a própria vida e a natureza com que o homem se irmana. A durabilidade da árvore, a sua resistência, propriedades farmacológicas e diversidade de dádivas, de uma, a acácia, a goma arábica, que confere consistência e integridade aos artefactos, que prepara o corpo na mumificação para a imortalidade, que permite a navegação salvadora, que assinala a proximidade possível da eternidade e a aliança do Homem com ela, sob a experiência do divino e do sagrado e de outra das árvores, a oliveira, a sua capacidade de alimentar, de fazer luz, de materializar o renascimento, mas também a intimidade e um outro renascimento – o do regresso a casa (seja a de Ulisses ou a Casa do Pai) – converteu-as em duas companheiras do Homem que

⁹ Mead 2001: 1-11.

a este permitem ultrapassar naufrágios e errâncias existenciais, porque nas árvores e pelas árvores se consuma e torna eficaz uma aliança com o sagrado, juiz recto, salvífico e acolhedor, que pela árvore propicia ou assinala uma vida nova ou renovada, mais qualificada que a que soçobra.

Bibliografia citada

- Burkert, W., (1993) *Religião grega na época arcaica e clássica*, trad. do alemão. Lisboa.
 Fialho, M. C., (1996a) “Afrodite e Ártemis em o *Hipólito* de Eurípides” *Mathesis* 6, 33-51.
 Fialho, M. C., (1996b) “Édipo em Colono: o testamento poético de Sófocles” *Humanitas* 48, 29-60.
 Fortune D., (2010¹⁵) *A Cabala mística*, trad. do ingl. São Paulo.
 Mead, G. R. S., (2001) *Thrice greatest Hermes. Studies in Hellenistic theosophy and gnosis. Three volumes in one*. Boston.
 Villatoro, S., (2009) *El árbol que Díos plantó. Enciclopedia ilustrada*. Lawrence.

Abstract

The durability of the tree, its strength, properties and diversity of gifts, one, the acacia, the gum arabic, which gives consistency and integrity to artifacts, that prepares the body for immortality, and allows the soul to save its navigation, which marks the possible proximity of eternity and man's alliance with it, and of another tree, the olive tree, its ability to feed, to illuminate, to materialize rebirth and recognition, – has made them two companions of man. They allow him to overcome shipwrecks and existential wanderings, because in the trees and by means of the trees an alliance with the sacred is consummated and made effective. The tree thus provides a new or renewed life.

Resumo

A durabilidade da árvore, a sua força, propriedades e diversidade de dádivas, em relação a uma, a acácia, a goma arábica, que dá consistência e integridade aos artefactos, que prepara o corpo para a imortalidade e permite à alma assegurar a sua navegação, que assinala a proximidade possível à eternidade e a aliança do homem com ela, em relação a outra, a oliveira, a sua capacidade de alimentar, de iluminar, de materializar o renascimento e o reconhecimento – fizeram de ambas duas companheiras do homem. Elas permitem-lhe sobreviver a naufrágios e a errâncias existenciais, porque nas árvores e por meio das árvores se consuma e efectiva uma aliança com o sagrado. A árvore apoia, assim, uma vida nova ou renovada.